

## Uma outra história de amor

Silvia Priven<sup>1</sup>

Um dos temas que desperta mais interesse nos pesquisadores atuais na história da ciência e da tecnologia é o papel das mulheres em seu desenvolvimento. Essa área de interesse é conhecida como Science and Gender. Acreditamos que seria fundamental pesquisar a contribuição feminina ao desenvolvimento da homeopatia. Mas não é esse o objetivo deste artigo. Desta vez, focaremos um aspecto mais romântico.

O relacionamento entre Hahnemann e sua segunda esposa, Mélanie d'Hervilly, é muito conhecido e foi objeto de inúmeras pesquisas. Mas há um outro casal, cuja história é virtualmente desconhecida. Todo homeopata brasileiro reconhece – ou deveria reconhecer – o mérito de Benoît Mure. Entretanto, as peripécias de sua vida são bastante ignoradas, em particular as acontecidas depois de seu retorno para Europa.

O insucesso de seu projeto em Sahy, aparentemente, não havia afetado seu ideal de fundar uma sociedade mais justa. Decidiu, então, realizar uma nova tentativa, desta vez no Sudão e, ao mesmo tempo, descobrir a origem do Nilo, ainda desconhecida naquela época.

Partiu para a África em 1852. Mas não viajou sozinho: acompanhava-o aquela que seria sua companheira até o final de seus dias e que, mesmo depois da morte precoce de Mure, manteria viva sua memória e obra.

Trata-se de Sophie Lemaire, viúva de Liet, da qual não se tem mais informações. Antes de se unir a esta expedição, já era uma homeopata experiente e reconhecida.

Difícil imaginar a paixão e devoção desta mulher. Vivendo na metade do século XIX, sem ser casada, homeopata praticante, abandonou tudo para seguir o que, evidentemente, eram seus dois grandes amores: Mure e a homeopatia.

A expedição percorreu mais de 1.000 km até o coração da África. Parte descendo o Nilo de navio, parte atravessando o deserto em lombo de camelo. Sozinha, Sophie atravessou 200 km pelo deserto. Outras vezes teve que cuidar não só da expedição, mas da saúde de Mure, cada vez mais ressentida.

Em Meroe, uma das cidades mais antigas da humanidade, comandou o ataque ao palácio do governante local, dirigindo 40 tripulantes do navio em que viajavam, para levar a embarcação até onde Mure aguardava, prostrado por uma febre.

Um naufrágio, que fez com que perdessem todas as provisões e materiais necessários, colocou em perigo o objetivo da viagem. Essa esperança frustrou-se totalmente quando Mure sofreu uma séria tentativa de assassinato. Nenhum dos dois

jamais explicou o que tinha acontecido, só se sabe que, em janeiro de 1853, Mure chegou inconsciente em Cartum, capital do Sudão, onde, mais uma vez, Sophie teve de socorrê-lo.

Seis meses mais tarde, ele já estava recuperado o bastante para retornar ao Cairo. Na viagem de volta, mais um incidente. O casal havia acampado no leito seco de um riacho, no deserto, quando ameaçou uma tempestade tropical. Mure saiu para fazer um reconhecimento e enviou um sinal avisando Sophie que o acampamento – com todas as provisões necessárias para sobreviver no deserto – estava ameaçado. Os carregadores nativos se recusavam a deslocar o acampamento: foi com a ponta da pistola que Sophie os obrigou a carregar a bagagem.

Em todas as etapas da viagem, Mure e Sophie atendiam aos nativos. Tal foi a fama de Sophie, que eventualmente chegou a ser mais procurada do que o próprio Mure, tanto por europeus quanto por nativos. Inclusive teve acesso aos haréns, proibidos aos europeus.

As aventuras do casal não acabaram com o regresso para a Europa. Abriram um ambulatório em Gênova, onde também ensinavam a prática da homeopatia. Foi lá que os surpreendeu a epidemia de cólera de 1854. Dedicaram noites e dias ao atendimento dos doentes. Seu sucesso foi tal que chegavam doentes de localidades vizinhas para serem atendidos. Entretanto, o governo não só não reconheceu seus esforços como processou seus alunos por exercício ilegal da medicina. Mure, então, fechou o ambulatório, mas a multidão, furiosa, dirigiu-se até a prefeitura aos gritos de “Homeopatia ou morte!”. Foi necessário convocar o exército de Turim para conter a revolta.

Mure e Sophie voltaram para o Egito, onde Mure passou os últimos dois anos de sua vida dedicado ao ensino da homeopatia. Depois de sua morte, em 1858, Sophie permaneceu mais dois anos no Cairo, atendendo doentes. Retornou para a França em 1860.

Sabe-se que, 15 anos mais tarde, residia na ilha de Jersey, dedicada a cumprir a última vontade de Mure: tornar suas obras conhecidas do público. Foi graças aos esforços de Sophie que as obras de Mure sobreviveram.

Todos os dados neste artigo foram extraídos de uma biografia composta por Charles Janot, publicada em *L'Homéopathie Moderne*, de 15 de fevereiro de 1933, Nº 4, e enviada à autora pelo Dr. Robert Séror. Uma pesquisa na Internet não produziu nenhum resultado, apenas um par de menções, ambas correspondentes a esta mesma fonte.

<sup>1</sup> Docente e Responsável pelo Depto. de Teoria e História da EPH